

O 'SINCRÔNICO', O 'DIACRÔNICO', O ACONTECIMENTO E A ERRÂNCIA DE SENTIDOS NA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO

THE 'SYNCHRONOUS', THE 'DIACHRONIC', THE EVENT AND THE WANDERING OF DIRECTIONS IN THE ANALYSIS OF JOURNALISTIC DISCOURSE

DIONE OLIVEIRA MOURA

Graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Goiás. Doutora em Ciências da Informação/UnB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Uma primeira versão, ora modificada, do presente trabalho está publicada nos Anais do Encontro da SBPJor/2008. E-mail: moura@unb.br

RESUMO

O artigo apresenta uma proposta metodológica na qual se realize, simultaneamente, um Recorte Sincrônico e um Recorte Diacrônico na construção do *corpus* da análise de discurso (jornalismo impresso). Também propõe que se considerem outros elementos além do texto jornalístico ao definir o corpus da análise. Defende que as técnicas de objetividade jornalísticas podem promover um impacto redutor negativo sobre a polissemia discursiva. Considera, ainda, que o encontro do sincrônico (dizer atual e simultâneo) com o diacrônico (dizer já dito em momentos diferentes) instaura o espaço do acontecimento. O final de cada processo analítico, aqui propomos, deve ser considerado como um final-provisório, pleno de sentidos localizados neste circuito diacronia-sincronia, mas, também, pleno de sentidos latentes e não explicitados – o não-dito que preenche e torna pujante a incompletude mergulhada na espessura semântica do discurso.

Palavras-chave: análise de discurso, diacronia, sincronia, jornalismo

SUMMARY

This article presents a methodology which takes place in both a synchronous and diachronic cutting in building the corpus of a discourse analysis (print journalism). It also proposes to consider other factors beyond the text to set the journalistic corpus analysis. Argues that the techniques of journalistic objectivity can promote a negative impact on reducing the polysemy of the discourse. It also considers that the meeting of the synchronous (current and simultaneous saying) with the diachronic (said saying at different times) establishes the scope of the event. The end of each analytic process, we propose here, should be considered as an end-duty, full of meanings located in this circuit diachrony-synchrony, but

also full of latent meanings and not explicit - the unsaid that meets and makes vigorous the incompleteness layered on the semantics discourse thickness.

Keywords: discourse analysis, diachrony, synchrony, journalism

Apresentação

Denise Maldidier (2003), ao expor os desdobramentos por que passa a Análise de Discurso, escola francesa, no contexto da herança de Michel Pêcheux, conclama que a Análise de Discurso tem que ser posta à prova. Posta à prova no sentido de expor e experimentar seus caminhos de aproximação do discurso. E é neste sentido que o presente artigo apresenta uma proposta de caminho metodológico no qual se realize, simultaneamente, um Recorte Sincrônico e um Recorte Diacrônico na construção do *corpus* da análise de discurso. Também indica que se considerem outros elementos além do texto jornalístico ao definir o *corpus* da análise. Defende, por fim, que as técnicas de objetividade jornalísticas podem promover um impacto redutor negativo sobre a polissemia discursiva.

O encontro do sincrônico (dizer atual e simultâneo) com o diacrônico (dizer já dito em momentos diferentes) instaura o espaço do acontecimento. O ‘acontecimento’, em termos de análise de discurso pode ser definido como fatos que solicitam sentido. “Um sentido que é histórico, exprime-se perante a proximidade ou distância de séries discursivas distintas e que é uma enunciação que marca o exercício do poder simbólico” (MOURA, 2001:166).

O analista de discurso, ao construir seu objeto de análise, deve estar ciente de que analisar o discurso é tomar frente a um objeto – o próprio discurso – que se move. Isto dado que o discurso alimenta-se de uma memória discursiva que, ao ser atualizada no discurso novo, expande e perde seus limites, reconfigura-se. Tal movimento transcorre em um contexto no qual à imprensa é atribuído poder simbólico, no sentido de Pierre Bourdieu (1989), como o poder de fazer ver de fazer crer, e, propomos estender tal compreensão para o poder da imprensa de nomear, atribuir visibilidade ou relegar ao espaço do não-visível os fatos e informações - acolhidos ou excluídos - do espectro de temáticas abordadas no discurso jornalístico.

A constituição do arquivo

Para a construção metodológica, propomos que o analista de discurso percorra a mesma trilha dos historiadores que, na construção de objetos como “o amor, o sagrado e o profano, instalam a **confrontação** entre séries arquivistas, regimes múltiplos de produção, circulação e leitura de texto” {grifo nosso} (GUILLHAMOU & MALDIDIER, 1994:164). Isto implica em tecer um *corpus* de objetos discursivos que não contemple somen-

te o texto jornalístico, mas uma série de outros discursos que se imbricam, esteja ciente ou não o analista, no contexto, mais próximo ou mais distante, no qual se apresenta o discurso jornalístico.

Consideramos que a imprensa está inserida no contexto geral das mídias e, portanto, sofre o impacto das transformações que têm ocorrido na mídia nas últimas décadas, especialmente a partir de meados dos anos 90 do século XX:

“Uma nova paisagem e uma nova ordem estão surgindo em relação à mídia. As culturas da mídia estão mudando, tanto na esfera pública quanto na privada. As informações fluem de maneira cada vez mais livre e com vínculos cada vez mais frouxos de tempo e lugar. O volume de informações veiculado através das novas tecnologias de comunicação continua se expandindo, à medida que as distinções entre computador, televisão, rádio,

imprensa, livro e telefonia igualmente se dissolvem. Falamos de fragmentação e individualização. A cultura da mídia hoje é intensiva e onipresente” (BU-CHT & FEILITZEN, 2002: 19).

Portanto, a configuração de um **arquivo** (repertório de textos e outros materiais imagéticos, audiovisuais, etc) para compor o *corpus* de uma pesquisa por meio da análise de discurso, deverá incorporar discursos advindos de diversos meios e contextos discursivos, e não só da imprensa. Naturalmente, dentro do espectro elencado no Quadro 1, o analista deve delimitar um período de tempo e um conjunto de títulos para análise, tomando como referência um eixo discursivo central. Este procedimento do ‘arquivo’ pode ser aplicado tanto para o Recorte Diacrônico (o já dito em momentos diferentes) quanto para o Recorte Sincrônico (o dito atual e simultâneo).

QUADRO 1 - CONFIGURAÇÕES DO ARQUIVO

(Arquivo como repertório de textos impressos ou em outros formatos e que informam sobre um tema)

CATEGORIAS	Tipos de textos impressos e produções audiovisuais e digitais que podem configurar o ‘arquivo’
Imprensa	<ul style="list-style-type: none"> - telejornais;- crítica literária, cinematográfica etc; - programação de canais de tv aberta, tv a cabo e tv por satélite; - notícias pelos diversos veículos; - editoriais; - produção em charges; - cartas de leitores; - artigos de opinião etc.
Literatura	<ul style="list-style-type: none"> - romances; - contos; - crônicas; - fábulas; - poemas; - literatura alternativa (cordel, fanzines etc)

Produtos culturais	<ul style="list-style-type: none"> - música; - cantigas tradicionais; - folclore; - cultura popular; - cinema; - rádio; - publicidade e propaganda; - teatro; - revistas em quadrinhos e outros.
Iconografia	<ul style="list-style-type: none"> - fotografias; - grafite; - artes plásticas e design, etc.
Textos jurídicos	<ul style="list-style-type: none"> - legislação; - normas; - acordos, tratados etc
Mídia digital	<ul style="list-style-type: none"> - páginas web; - blogs; - chats; - fóruns; twitters e outras tecnologias digitais de informação; - jogos eletrônicos; - espaços de interatividade no ciberespaço; - realidade virtual no ciberespaço; - produção imagética em arte eletrônica; - textos em mídia digital; - filmes e outros produtos audiovisuais em formato digital e outros.

Recorte diacrônico

A partir do Recorte Diacrônico (o já dito em momentos diferentes) é possível fazer um desenho da malha discursiva do tema escolhido para estudo¹. O Recorte Diacrônico irá nos levar ao *interdiscurso* – compreendido como o que já foi dito anteriormente sobre determinado assunto e está esquecido. Quando o analista organiza seu Recorte Diacrônico irá estabelecer um *corpus* determinado, em um período de tempo (que pode até abarcar décadas ou séculos) e um elenco de materiais, dentre os dispostos no Quadro 1. O analista não fará uma coletânea infinita, mas pinçará, por meio da identificação de regularidades discursivas, as formações discursivas presentes.

O analista deverá estabelecer um fio de sentidos central – por exemplo, as representações de gênero, caso esteja pesquisando so-

bre a cobertura da imprensa sobre a questão da mulher. Dado que ele tem um fio condutor, um período histórico e uma lista de anteparos físicos retirados do Quadro 1, o analista passará à leitura destes materiais perseguindo o “novo no interior da repetição”, como bem recomendam Guilhamou & Maldidier (1994).

Contudo, a perspectiva de arquivo construída a partir do Recorte Diacrônico que propomos aplicar à análise de discurso, embora tenha semelhanças com o realizado pelos historiadores, tem também pontos diferentes. O ‘já dito’, embora seja a ideia mais próxima do conceito de passado empregado pelos historiadores, não é sinônimo de passado, mesmo tendo acontecido em um momento anterior ao analisado no Recorte Sincrônico. Isto

¹ Para um exemplo do procedimento, ver Moura (2001).

pelo 'já dito' ser atualizado com o novo sentido atribuído pelo dito na atualidade. Esta 'releitura' do 'já dito' é própria do processo discursivo e o analista deve procurar perceber este movimento de releitura, no que o enfoque "diacrônico"/"sincrônico" pode apontar redes discursivas.

Logo, propomos que o Recorte Diacrônico (o já dito em momentos diferentes) sobre o tema que o analista tenha escolhido para estudo pode incluir diversos tipos de textos (jornais, revistas, livros, mapas, cartazes, filmes, campanhas publicitárias etc – ver Quadro 1). Assim, procura-se formar o arquivo enquanto repertório de textos impressos (ou em outro formatos) e que informam sobre um tema ao qual se aplique o Recorte Diacrônico. O Recorte Diacrônico também justifica-se desde um ponto de vista arqueológico do discurso. É a busca da voz sem nome que está anterior a todas as falas (FOUCAULT, 1971).

As metáforas que ancoram o texto jornalístico e o poder simbólico

A metáfora é um recurso de linguagem fartamente utilizado pela imprensa, especialmente quando se dá a cobertura de temas considerados polêmicos. É comum na imprensa brasileira atual, diante do potencial conflito de interesses de diversos setores sociais, que tais temas considerados polêmicos acabem por ser associados ao campo dos direitos sociais. Estes temas estão mergulhados em disputas por poder, em geral de parte de grupos excluídos historicamente. Também por este

motivo, as metáforas, por promoverem um 'deslocamento de sentidos' (RICOUER, 1992) acabam por ser um recurso muito usual.

É frequente que as metáforas, ou outras figuras de linguagem identificadas na malha discursiva mapeada a partir do Recorte Diacrônico reapareçam como manifestação atual no Recorte Sincrônico. É frequente que, ao empregar procedimentos de análise de discurso o analista depare com argumentações retóricas (com efeito de convencimento e sem compromisso com a veracidade). O analista precisa estar qualificado no estudo da análise retórica (REBOUL, 2000) para que saiba identificá-la nos textos jornalísticos. A mesma pode estar presente em uma fala de fonte retratada na matéria jornalística e, também, no texto do redator, principalmente nos títulos das matérias ou em estratégias discursivas aparentemente 'impessoais'.

A análise de discurso, desde o ponto de vista aqui apresentado, enfoca a linguagem como um espaço de atribuição de poder simbólico. No sentido atribuído por Bourdieu:

"(...) poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico da mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário" (BOURDIEU, 1989:14).

E, no processo histórico de industrialização da imprensa e o quadro atual dos conglomerados de mídia, fazem da mídia em geral, e da imprensa em

especial, um *locus* privilegiado das representações sociais, logo, um processo simbólico. Processo simbólico este no qual “a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada” (CAREY, 1973).

Recorte sincrônico

O Recorte Sincrônico deverá ser realizado a partir de enunciados produzidos no momento atual da análise, logo, todos produzidos em um mesmo período de tempo. O dizer sincrônico atual re-significa, redimensiona, reforça, repete, contrasta ou transforma o dizer diacrônico. Isto equivale a compreender que o que é dito agora – na contemporaneidade da análise (o momento sincrônico) atualiza, confirma ou transforma o já dito (o momento diacrônico). Novos atores da enunciação e inusitadas equivalências no jogo do poder simbólico próprio à linguagem podem irromper e gerar o novo, o elemento de transformação. Desde esta perspectiva analítica, todos os discursos já foram ditos (incluindo o não-dito em cada discurso), mas, também, tudo ainda está por dizer.

Nem diacrônico, nem sincrônico: o não-dito

Há um espaço vazio entre o Recorte Diacrônico e o Recorte Sincrônico. Este espaço vazio é preenchido pelo não-dito. O não-dito é uma categoria importante dentro da corrente francesa de Análise de Discurso. O não-

dito parte da noção de que a linguagem é carregada de incompletude: sempre há algo que não foi dito, sempre algo a dizer. Por outro lado, a herança teórica da leitura marxista que fundou esta corrente de Análise de Discurso informa que este não-dito não deve ser naturalizado. Existe disputa em busca de visibilidade no campo discursivo, esta visibilidade está associada a poder – em suas esferas econômica, social e política.

Por este motivo, sempre que o analista depara com uma série de sub-temas não-ditos dentro de um grande tema ele deve perguntar-se que sentido faz este silenciamento? Qual o sentido um não-dito que se repete sempre como não-dito? Quer dizer: dentro de uma série histórica de determinado processo discursivo, qual o sentido de determinados temas – e precisamente estes – compõem a série de não-ditos? Qual o sentido determinadas fontes de informação (entrevistados) – e precisamente estas – serem sempre excluídas mesmo sendo fontes pertinentes ao tema? Qual o sentido de determinadas abordagens – e precisamente estas – nunca serem adotadas no tratamento de certos temas pela imprensa?

O enquadramento da proposição metodológica aqui em diálogo situa-se no âmbito da corrente francesa de Análise de Discurso, e herda seus pressupostos, uma vez que esta escola foi fundada sob a influência de três campos disciplinares – a psicanálise, a linguística e o marxismo (PE-CHEUX, 1978; ORLANDI, 1999). A partir deste ponto de partida, para o analista de discurs-

so faz-se importante identificar os sujeitos enunciadore. “Ter em mente os enunciadores principais e aqueles que são apenas figurantes, ou até os sujeitos ausentes” (PORTO, 1999:75).

A objetividade jornalística e a redução da polissemia discursiva

As técnicas da objetividade jornalística podem funcionar como redutores da polissemia discursiva, como apresentado no Quadro 2. A apresentação não defende que a objetividade é danosa, mas que ela não é uma técnica neutra e que sua aplicação, quando descuidada

do objetivo de ampliar as fontes de informação, pode causar um efeito redutor sobre a polissemia discursiva. A redução da polissemia, considerada a polissemia enquanto multiplicidade de sentidos, não deve ser vista apenas como uma simples consequência das técnicas da objetividade jornalística. Mas como uma consequência que impacta negativamente na qualidade da informação presente na notícia. Se considerarmos que o direito à informação é um direito social, poderemos entender que a redução da polissemia caminha em direção contrária, pois significa menos opções de leituras interpretativas por parte do leitor\espectador\ouvinte\internauta.

QUADRO 2

As técnicas jornalísticas e seus efeitos sobre a redução da polissemia discursiva

TÉCNICAS JORNALÍSTICAS	Efeitos sobre a polissemia
Seleção de fatos	Inclui alguns fatos e exclui outros, baseando-se em ‘critérios de noticiabilidade’ que incluem a singularidade da fato, dentre outros fatores.
Seleção de fontes	A seleção de fontes tem um impacto preciso sobre a redução da polissemia. Cada fonte tem seu campo discursivo específico, assim como sua estratégia discursiva própria.
Atribuição de uma ‘voz coletiva’	Este sujeito ‘generalizado’ (“diz-se”, “apontam”, “depoimentos em off”), muito presente nas técnicas de produção jornalística, acaba por não se assumir plenamente como porta-voz do discurso, ele desliza por sobre os sentidos, geralmente em torno de um argumento central.
Priorização de ‘fontes autorizadas’	Uso de testemunhos de autoridade para legitimar determinadas opiniões, assim como emprego de ‘contra-argumentos’ para desautorizar opiniões contrárias que ficam desfavorecidas.
Padrão de aparente objetividade	Padrão de objetividade ancorado na estrutura da notícia (o quê, quem, como, onde, porquê). Por meio de uma aparente objetividade o redator parece não emitir opiniões pessoais.
Seleção de temas	A seleção temática também pode resultar na redução da polissemia, uma vez que pode limitar o acesso do leitor\expectador a um espectro mais amplo de temas sociais, culturais e políticos.

Abordagens restritivas	A construção de abordagens restritivas acabam por ser parciais e menos contextualizadas. Isto exclui outros sentidos que fazem parte do tema que está sendo coberto pela imprensa.
Edição final	Omissão de fatos, dados, opiniões, pelo simples fato de não publicá-los ou por fazê-lo em espaços desfavorecidos da imprensa (por exemplo: limite de espaço para diagramação, busca de uma disposição gráfica mais atraente, edição de falas (com redução de conteúdo) até mesmo quando feita em função do tempo disponível para veiculação.)
O uso de verbos ‘dicendi’	O emprego de verbos <i>dicendi</i> (falar, afirmar declarar, opinar etc) pode encobrir uma redução de polissemia. O redator apresenta a fala da fonte resumida em uma única frase, precedida por um verbo <i>dicendi</i> e dá por encerrado uma ampla gama de informações transmitidas pela fonte entrevistada.
Narração impessoal	Ocorre um relativo apagamento das marcas da enunciação, por meio da narração impessoal do jornalista. Por outro lado, ao apagar as marcas da enunciação (de que fonte origina aquela informação), o redator pode reforçar um único argumento que não representa a totalidade da questão em foco.

c.f. Moura (2001:47), versão atualizada no presente artigo.

Ainda assim, mesmo com a incidência contundente das técnicas de objetividade jornalística, é possível ocorrer a desejada polissemia discursiva. Desejada polissemia por mais ética no que diz respeito a representar os múltiplos atores sociais, Isto ocorre quando o analista localiza no *corpus* da pesquisa um discurso preponderante, mas não único. Esta visão ele obterá, inclusive, se recorrer ao proposto encontro entre o “diacrônico” e o “sincrônico”. O analista pode localizar que o discurso hegemônico, por vezes, embora se apresente como o dominante, como aquele que dirige o argumento central, pode receber resistência e oposição de discursos minoritários.

O analista de discurso encontra a polissemia quando, em uma análise de discurso jornalístico, o diferente eclode em contraste com o discurso de presença mais forte na arena discursiva.

Um jornalismo que busque mais fontes de informação, que contextualize melhor suas coberturas, que mostre aspectos diversos de uma mesma questão, estará trabalhando a favor da polissemia discursiva. Tal posicionamento surte um resultado positivo em termos de enriquecimento de visões de mundo disponíveis ao público leitor/espectador/ouvinte/internauta.

O apoio da Análise de Conteúdo

Para os que pretendem percorrer os caminhos da análise de discurso, vale lembrar que a análise de conteúdo pode ser um recurso auxiliar para uma primeira aproximação ao *corpus* da pesquisa quando se pretende realizar um estudo mais amplo de análise de discurso. A técnica de análise de conteúdo, ao selecio-

nar, classificar por categorias e ordenar os conteúdos presentes no texto, pode facilitar o percurso do analista de discurso. O texto assim é percebido como via de acesso ao discurso. O texto jornalístico é o anteparo tangível a partir do qual se faz possível acessar o discurso.

Importante destacar que, neste caso, a análise de conteúdo deve ser pensada como uma etapa preliminar, que organiza os conteúdos. Contudo, a análise de discurso propriamente dita deverá ser feita em um movimento muito mais amplo, que reconstrói a memória discursiva (o que foi dito antes sobre o tema), sua rede de sentidos, o não-dito (o que foi silenciado sobre o tema). Portanto, enquanto a análise de conteúdo trabalha sobre o texto, a análise de discurso trabalha sobre o discurso (que apenas parte do texto, mas segue para o contexto).

Dispersão e errância de sentidos

Este estudo soma-se aos que defendem que a prática do jornalismo está no cerne da democracia (WOLTON, 2004). Isto quer dizer que os processos democráticos ou de democratização não podem abrir mão do pleno exercício do jornalismo em sua missão pública. A imprensa exercida com responsabilidade é um mecanismo de vitalidade dos processos sociais.

A proposta de procedimento metodológico aqui apresentado considera que é mais apropriado localizar o discurso inserido em um 'processo discursivo'. Neste processo discursivo, o dizer atual

(sincrônico) encontra-se com a história (diacrônico), encontra-se com as filiações de sentidos presentes nesta memória discursiva e, dentro deste cenário, os atores da enunciação disputam o poder simbólico de fazer ver e fazer crer por meio de seus discursos.

A presente perspectiva metodológica considera que o acesso ao discurso se dê simultaneamente por meio de um recorte sincrônico e um recorte diacrônico na construção do *corpus* da análise. Contudo, o analista deve estar ciente de que existe, em todo procedimento de análise de discurso, uma espécie de errância de sentidos ao propormos a vinculação do discurso a determinadas filiações históricas.

Cabe ao analista demonstrar estas possíveis vinculações, sem, no entanto, assegurar uma contundente certeza das mesmas. Não deve o analista congelar as filiações históricas como se a linguagem discursiva fosse um desenho cartesiano. Discurso é discorrer. Não há o discurso fechado, completo. Discurso é fluxo em encontro com ramificações que advém da diacronia e da sincronia, ao mesmo tempo, fluxo este marcado pelas condições de produção e, ainda, imbricado na mutante geometria do dito e do não-dito.

O analista transita no discurso ciente de estar investigando uma "filiação de sentidos distribuídos em momentos históricos (diacrônicos e sincrônicos) diversos, pronunciados por atores diferenciados, em condições de produção distintas"².

Mesmo que procuremos re-
realizar uma leitura discursiva o
mais precisa possível, o analista

2 C.f. Moura (2001).

deve reconhecer a incompletude que faz parte da linguagem. Esta é a incompletude habitada por tudo que poderia ser dito e não o foi (ou foi dito, mas não alcançou visibilidade), ou seja, o não-dito. Esta mesma incompletude inerente à linguagem está presente no resultado da análise de discurso realizada pelo analista.

Mesmo uma mensagem parafrástica no dizer atual (sincrônico-o dito contemporâneo à análise) pode resultar em um sentido diferente em relação ao efeito de sentido que surtiu no dizer anterior (diacrônico-o já dito precedente à análise). A notícia, vista como acontecimento, solicita sentidos e filia-se a uma rede de sentidos. Neste sentido, toda notícia é um acontecimento discursivo

que reclama sentidos.

Assim, nós analistas de discurso devemos nos privar de concluir os procedimentos de análise de discurso e de apontar para uma leitura que seja estática. Ao contrário, devemos admitir a presença inquietante e histórica do desvio de sentidos, ou seja, da errância de sentidos e, de certa forma, da dispersão.

O final de cada processo analítico, aqui propomos, deve ser considerado como um final-provisório, pleno de sentidos localizados neste circuito diacronia-sincronia, mas, também, pleno de sentidos latentes e não explicitados – o não-dito que preenche e torna pujante a incompletude mergulhada na espessura semântica do discurso.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BUCHT, Catharina & FEILITZEN, Cecília von. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho – Brasília: UNESCO, SEDH/Ministério da Justiça, 2002.

CAREY, James W. **Communication as culture**. Essays on media and society. 1973. mimeo {s.l.} Tradução de Myriam P. Nogueira.

FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du discours. Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le décembre 1970**. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do discurso**. (Re)ler Michel Pêucheux hoje; tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MOURA, Dione Oliveira. **Do campo científico ao jornalismo científico**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade de Brasília (Tese de Doutorado). 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RICOUER, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon (org). **Da metáfora**. São Paulo, EDUC\Pontes, 1992.

PÊCHEUX, Michel. **Hacia el análisis automático del discurso**. Madrid, Editorial Gredos, 1978.

PORTO, Sérgio Porto. **Sexo, afeto e era tecnológica**. Um estudo sobre chats na internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Tradução de Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília\Coleção Comunicação., 2004.

Data do Recebimento: 25/07/2009

Data do Aceite: 11/08/2009